



J. Rosa Nunes
Prof. Doutor

Acordem, Por Favor!

“Os Açores atravessam um período de “queda” financeira e económico-social que afecta a vida dos residentes, sem que se deslumbre o modo como os responsáveis governativos entendem por um travão a múltiplas destas muito graves situações.”

Atrevo-me a recapitular uma parte ínfima da obra do grande escritor português Eça de Queirós – in Os Maias – que, como um dos críticos da vida política e social portuguesa do século XIX, conseguiu transmitir para a posterioridade as características da classe política de então.

Nunca o que escreveu teve tanta atualidade e reflete de modo claro e indelével a realidade dos nossos dias, quer a nível nacional quer açoriano. De modo irónico, como lhe era próprio, permite hoje em dia ter um meio de reflexão e se verifique comparativamente o desencanto associado a enorme mediocridade que as atuais elites políticas apresentam.

“Transportem”, não sendo necessária muita imaginação, este pequeníssimo extrato da grande obra para a nossa atualidade: “Ordinariamente todos os ministros são inteligentes, escrevem bem, discursam com cortesia e pura dicção, vão a faustosas inaugurações e são excelentes convivas. Porém, são nulos a resolver crises. Não têm a austeridade, nem a concepção, nem o instinto político, nem a experiência que faz o Estadista. É assim que há muito tempo em Portugal são regidos os destinos políticos. Política de acaso, política de compadrio, política de expediente. País governado ao acaso...”

No atual ciclo de incertezas mundiais que se perpetuam no tempo, sem que possamos ter qualquer ação direta para as anular ou minimizar, deveríamos ter em consideração que tudo leva muito tempo a “realizar”, em qualquer dos diferentes aspetos da nossa vida, sendo no entanto o “destruir”, no sentido de queda, muito rápido ou praticamente imediato. Na vida real e contrariamente ao que os políticos dão a entender nos seus discursos vazios, devemos considerar que não existe recuperação para o tempo que foi perdido.

Os Açores atravessam um período de “queda” financeira e económico-social que afeta a vida dos residentes, sem que se deslumbre o modo como os responsáveis governativos entendem por um travão a múltiplas destas muito graves situações. Entramos, em princípio, em queda livre incontrolável. Principalmente porque os políticos/governantes regionais, ao contrário de outros no passado, não têm qualidades necessárias e suficientes para conter a detioração.

A desculpa corriqueira dos atuais governantes, já de si muito estafada, é que “foi herança”. Porém, isso sim, estamos perante a situação em que o governo regional se ultrapassou a si mesmo, pela negativa e acumulação incontrolável de “péssimas decisões” e/ou ausência delas.

Diria que o provérbio “não vá o sapateiro além do chinelo” se aplica sobremaneira à governação de Bolieiro, que embora tenha sido, para alguns, um mediano edil da maior câmara da Região não consegue “transportar” para o governo regional a mesma imagem de eficiência.

Que nos livrem os deuses da “tortura” de situação semelhante se vir a repetir, como parece estar a tomar forma, através de públicas e efêmeras “afirmações” do atual presidente sobre a necessidade de um hospitalar-escola e um novo porto. A dois anos de eleições, sem receio de errar, arrisco que Bolieiro não será – depois da atual anárquica governação – candidato do partido social democrata à governação. Mas os deuses nos livrem da “estória” do edil se repetir!

Tenho fé que os micalenses, não esqueceram o triunvirato de edis que durante anos – terá sido uma década? – “tratou” tão mal as obras de “Santa Engrácia” no mercado da Graça. Com o que isso significou em tempo, dinheiro, serviço mal prestado e imagem negativa! Neste momento, por incrívelmente que pareça, são todos “proeminentes políticos” no ativo.

Ao contrário das afirmações de Duarte Freitas, “ilustríssimo” secretário das paupérrimas finanças, de que as contas do setor da saúde estavam em ordem, temos novamente uma dívida superior a 100 milhões de euros, que acumulará e ultrapassará o valor pago da última vez. Não é de admirar! São só intenções! Só foguetório! Quem não se lembra do plano de recuperação, que este secretário publicitou, de que iria poupar dezenas de milhões de euros? Talvez fosse oportuno dar a conhecer o que fez até agora que possa

comprovar a afirmação. Quanto poupou?

Por outro lado o berbicacho, em grande parte por ele criado, com toda a inconsequente fase de privatização da Azores Airlines, passa agora a ter repercussões muito mais acentuadas pelas consequências da guerra. Jet fuel mais caro, possibilidade de dificuldades no abastecimento de derivados do petróleo, a certeza do custo das passagens subirem e limitação do número e/ou substituição de voos. A janela Freitas pergunta quem quererá “casar/comprar” com a Satinha?

Os custos refletidos na gestão das companhias aéreas com os gastos em combustível representavam em geral cerca de 30%. Neste momento estes custos passaram para primeiro lugar, ultrapassando os relativos ao pessoal, atingindo nas empresas de aviação os 50%. Na Sata de modo algum será diferente, até porque estamos num espaço insular e arquipelágico.

Ao contrário dos destinos localizados em grandes contextos geográfico-continentais o turismo com destino aos Açores depende exclusivamente das ligações aéreas, com exceção de alguns navios-cruzeiro, os quais têm no contexto geral das receitas um impacto residual.

Os destinos de turismo massificados, quase “automático”, não se identificam com os Açores que precisamos de uma ótima visibilidade a nível internacional e nacional, com promoção constante e consistente, devidamente programada por profissionais, ao contrário daquilo que se verifica no site da Visit Azores, com provas de dano me amadorismo. O barato sai caro, quase sempre!

O já famoso fundo para as rotas aéreas a constituir, deverá demorar no mínimo dois anos para ter resultados. Por outro lado para este ano o verão IATA “fechou”. O governo deveria ter tomado, na oportunidade, providências relativamente à saída da Ryanair. Mais uma ausência de decisão!

Embora sejam importantes os valores orçamentados anualmente para o setor do turismo regional, os governantes têm de considerar que tal, não significa a vinda “automática” de turistas. Um planeamento feito por quem sabe, associado a uma promoção com consistência é a base que sustenta um crescimento sustentado no número, associada a uma política aérea e marítima, quiçá interligada, e devidamente planeada, com objetivos fundamentados e consistentes com os interesses regionais definidos no tempo, sem servilismo do tipo “ilhismo”. Tudo numa perspetiva de médio e longo prazos; nunca numa “navegação à vista, sem bússola” ou com ela avariada.

Com potenciais investidores interessados é fácil construir infraestruturas hoteleiras, restaurantes e serviços de apoio na área do turismo. O difícil é criar e consolidar o interesse para se “encherem” de turistas, mantendo em perspetiva o seu regresso e fundamentalmente que sejam eles o melhor e menos dispendioso meio de propaganda daquilo que sem dúvida temos.

Mas tudo o que referi anteriormente é da inteira responsabilidade do governo regional, o qual infelizmente tem demonstrado uma falta incrível de competência. Se, esperemos que não, esta crise se prolongar no tempo, com Trump tudo é possível, e se tal tiver consequências no turismo açoriano, como pensa (assumo que mesmo como exercício, nunca pensaram nesta hipótese) o governo resolver a situação? Terá no seu seio governantes de qualidade para tal? Hum...

Em crise que fazer das unidades hoteleiras, ALs, restaurantes e outros serviços? Mesmo com subsídios, geralmente insignificantes e entregues tardiamente (como é fácil comprovar pelas queixas existentes nesta matéria) pouquíssimo será o impacto positivo na Região e estaremos de volta a um passado que não permitirá criar riqueza e muito menos distribuí-la pelos residentes.

É urgente que os responsáveis governamentais se deixem de “tretas” e de apontar aos anteriores políticos as razões para o que não conseguem fazer. Se necessário definam “acordos” com a oposição, porque os partidos coligados, comprovadamente, deixam muito a desejar. Ou não é?